

# A chance de ouro do Presidente Sarney

Basta conversar com motoristas de praça, esses eternos "termômetros" da opinião pública. Ou com donas-de-casa, na fila dos açougues dos supermercados. Ou com homens do povo, nos balcões de padarias e semelhantes. Não adianta querer negar, nem insistir nos sofisticados debates sobre hipotéticos "represamentos" de altas de preços (que não existem). Para o povo, o que conta é que a taxa de inflação caiu. Ou, falando em termos de realidade: para o povo, o que conta é a sua sensação, ou constatação, de que o ritmo de carestia é mais lento. Há surpresa (e alegria) porque "a gasolina não sobe há tanto tempo". Ou porque "nem com o novo salário mínimo os preços dispararam tanto, como acontecia sempre". Ou, ainda (não adianta tentar não exergar), porque "o Governo está dando uma dura nos pedidos exagerados de aumento". Há no ar um sentimento ainda incipiente, mas cada vez mais perceptível, de alívio popular resultante da pura e simples constatação de que a ida semanal ao supermercado já não é um motivo para lançar o consumidor em estado de indignação, provocada pelo festival de re-

As taxas de inflação mais baixas eram uma imensa aspiração brasileira — se não a primeira, na área econômica. Os êxitos obtidos pelo Governo, nesse plano, deveriam estar sendo capitalizados para a obtenção do apoio coletivo — incluindo-se aí o da classe empresarial — as diretrizes que o Governo viesse a estabelecer para o encaminhamento de soluções para os problemas do País. Mas o Governo Sarney está desperdiçando essa chance de ouro, por um fato puro e simples: as diretrizes não existem, também pela razão pura e simples de que

seus ministros da área econômica insistem em manter uma disputa estéril. Ainda ontem, no Rio, o Ministro Dornelles, da Fazenda, repetia as teses de que é preciso um corte violento nos gastos públicos para reduzir o "célebre" rombo do Tesouro — e reafirmava que os juros somente cairão a partir dessas medidas de austeridade. Um pronunciamento, é óbvio, destinado a manter acesa a polêmica com o Ministro João Sayad, do Planejamento, que por sua vez insiste na redução imediata dos juros como forma de reduzir também o "rombo" do Tesouro, já que aquela queda reduziria o custo da dívida do Governo e suas estatais — e insiste em descartar a necessidade de "austeridade".

Ora, o País não pode ficar condenado a assistir a essa novela, diariamente. E é uma novela mesmo, pois tanto o Ministro Dornelles quanto o Ministro Sayad estão "encenando", estão defendendo posições radicais, como se estivessem em um debate acadêmico — e não a frente de ministérios vitais para o País. Estão encenando, porque ambos sabem que a redução do "déficit" virá de uma série de medidas simultâneas, não dependendo portanto de uma única "terapia", recomendada por um ou outro.

A encenação está indo longe demais. Na última semana o Ministro Dornelles divulgou que o caixa do Tesouro, em maio, apresentou um superávit de praticamente Cr\$ 5 trilhões, contra uma previsão de apenas Cr\$ 1 trilhão — ficando evidente, mais uma vez, que os números do "rombo" do Tesouro estão sendo deliberadamente superdimensionados pelos Ministros. Quando essa realidade ficou evidente, com a divulgação

daquelas cifras, logo alguém do Governo forneceu à imprensa em notícia na qual o declarante não estava identificado, uma explicação de que a "sobra de caixa" de Cr\$ 5 trilhões não queria dizer nada: o que ocorreu, segundo essa versão, é que o Governo adiou pagamentos, liberando verbas em "conta-gotas" para os Ministérios. Isto é: o "rombo" — nessa explicação enganosa — não teria sofrido uma queda real e sim uma redução temporária em virtude de "represamento" nos desembolsos do Tesouro, que mais cedo ou mais tarde terá que fazer os pagamentos adiados. Não é verdade. Segundo os dados divulgados pelo próprio Ministro Dornelles houve aumento de quase 60 por cento na arrecadação federal, em maio, em relação a abril. Quanto às despesas do Governo, ou desembolsos, eles realmente caíram, em quase 30 por cento mas é improvável que todo esse recuo se deva apenas a adiantamentos na liberação de verbas: afinal, as despesas com pessoal também caíram — em 4,2 por cento — no mês, em relação a abril, e não há notícia de que o Governo esteja atrasando o pagamento de seu funcionalismo.

Quanto à queda dos juros: o Ministro Sayad tem razão. Eles podem cair mais um pouco, sem provocar nenhuma explosão inflacionária. Quanto à "austeridade", o Ministro Dornelles tem razão: sem ela, há o risco de aceleração do ritmo da inflação — pelo simples fato de que a sociedade, e sobretudo a classe empresarial, deixará de acreditar que o combate à inflação é pra valer.

E hora de chegar a um acordo, a uma posição intermediária, ou o Governo Sarney estará jogando pela janela uma oportunidade única de firmar-se.